

o[s] tempo[s] do[s] medi@

ESTUDOS DO SÉCULO

XX

número 7 . 2007

O Jornalismo como Alternativa.

Os exilados e a sua colaboração
nos jornais brasileiros

Heloisa Paulo

Heloisa Paulo. Doutora em História Contemporânea pela Universidade de Coimbra. Pós-Doutoramento como bolseira da FCT. Investigadora do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX da Universidade de Coimbra – CEIS20.

1. Entre o exílio e a emigração: sobrevivência e luta política.

De resto, meu caro, eu sirvo para tudo, até para escrever [...]

(Carta de Jaime de Morais a Moura Pinto, datada de Paris, 10 de Novembro de 1939, Arquivo Moura Pinto)

Diz-se que o dinheiro não dá felicidade. Se não dá felicidade, dá pelo menos facilidades. Pela diferença mínima destas duas letras, é quase a mesma coisa.

(Sarmiento de Beires. "Recordação do Exílio". In: *Diário Popular*. 29 de Agosto de 1968).

Para o exilado político a sobrevivência nos países de acolhimento pode ser um problema crucial, de acordo com a forma como é vista a sua presença no país de acolhimento. Bem mais que o emigrante comum, o exilado tem dificuldades próprias de adaptação e, apesar de, frequentemente, ter uma maior capacitação profissional, a sua inserção no mercado de trabalho está subordinada a factores diversos, que vão desde a regularização da sua documentação até ao valor que a sociedade local atribui ao seu passado de luta política¹. No caso dos opositores ao salazarismo, as dificuldades podem ser dimensionadas de acordo com o país de destino e o período de exílio. Por exemplo, para muitos dos combatentes na Guerra Civil de Espanha a chegada a França significou uma verdadeira peregrinação por campos de concentração e, em muitos dos casos, a morte². Para outros, tanto em território francês, como em terras brasileiras, a grande questão é a falta de recursos económicos ou de condições propícias de trabalho, que possibilitem a continuidade da sua permanência no exílio. No entanto, o exilado pode possuir contactos que o emigrante comum não possui, graças ao seu maior grau de instrução e a afinidades políticas com determinados sectores sociais do país receptor. Os dois factos permitem ao exilado buscar trabalho em lugares onde outros emigrantes seriam recusados, como as instituições universitárias e culturais, ou ainda, o meio jornalístico.

Assim sendo, esta proximidade ideológica e a experiência política comum permitem ao exilado conviver e ser recebido em diferentes esferas da sociedade acolhedora. Políticos, intelectuais e jornalistas "nativos" passam a fazer parte do circuito de amizades da comunidade exilada. Desta forma, e não importando a experiência anterior em termos de escrita, o emprego de exilados em jornais, como cronistas e comentadores políticos, é uma prática comum. No caso do Brasil, o opositor ao salazarismo encontra o apoio daqueles que, naquele país, e em diferentes períodos, também pugnam no combate aos regimes ditatoriais, quer sejam liberais, anarquistas ou comunistas.

Entre os elementos da primeira grande leva de exilados, após o 28 de Maio, a participação de oposicionistas na imprensa brasileira não é notória. Até meados da década de quarenta, a existência de um modelo de Estado similar ao de Portugal, também designado "Estado Novo", inviabiliza o espaço para as vozes contrárias às ditaduras. No entanto, após a aproximação do Brasil aos aliados e a sua entrada no conflito mundial, o

¹ Sobre o tema, ver, entre outros, DEGL'INNOCENTI, M (org.) – *L'exilio nella storia del movimento operaio e l'emigrazione economica*. Bari/Roma, Lacaica, 1992.

² DREYFUS, Armand Geneviève – *L'exil des républicains espagnols en France. De la guerre civile à la mort de Franco*. Paris, Albin Michel, 1999.

governo abranda os rigores da censura, possibilitando a participação dos exilados portugueses nos veículos de comunicação brasileiros³.

Neste quadro, podemos ver três fases distintas do jornalismo de oposição no Brasil:

- Uma primeira, que remete ao início dos anos trinta, é protagonizada pelos elementos republicanos da colónia emigrada e pelo jornal *Portugal Republicano*. Neste período, com excepção de notas dispersas em alguns periódicos do Rio de Janeiro, a oposição republicana não possui visibilidade nos meios jornalísticos daquele país⁴.

- Uma segunda fase é marcada pela participação dos opositores em diversos jornais publicados no país. Não possuindo uma demarcação cronológica precisa, ela é iniciada nos anos quarenta, com nomes como o de Lúcio Pinheiro dos Santos, um antigo deputado do Partido Democrata e ex-professor de Filosofia da Universidade do Porto; Jaime de Moraes, um dos “Budás”; Novais Teixeira, jornalista de formação, opositor com passagens por Espanha e França; Sarmiento de Beires, aviador e exilado desde a década de quarenta; Thomás Ribeiro Colaço, monárquico e opositor ao regime de Salazar. Nos anos seguintes, alguns destes nomes desaparecem da imprensa, mas outros persistem no ofício, convivendo com uma nova leva de exilados transfigurados em cronistas, como Francisco Cachapuz, que escreve sob o pseudónimo de Paulo de Castro, ou Miguel Urbano Rodrigues, com uma extensa passagem pelo jornalismo paulista.

- Uma última fase marca o aparecimento de jornais veiculados pela própria oposição, nos finais dos anos cinquenta. São inúmeros os jornais em circulação, como *Portugal Democrático* ou *Portugal Livre*, que aparecem como porta-vozes dos mais diferentes grupos da oposição. Alguns deles, apesar de seus fundadores advogarem o combate ao regime de Salazar, assumem um posicionamento dúbio, saindo de circulação em pouco tempo, como o jornal *O Lusitano*, que circula no Rio de Janeiro em 1956⁵. Estes periódicos, de tiragem pequena, sofrem da necessidade de patrocinadores e da censura brasileira após o golpe militar de 1964.

Desta forma, temos a existência de um tipo de vínculo, eminentemente político, estabelecido entre os redactores e cronistas de alguns jornais considerados de “vanguarda” na imprensa brasileira e os círculos opositoristas portugueses. É o caso dos jornais que acolhem os exilados, mas também daqueles que publicam as informações do movimento opositorista, defendendo a causa dos antissalazaristas. Neste quadro, temos, por exemplo, os periódicos *Última Hora*, *Diário Carioca*, *Diário de Notícias*, no Rio de Janeiro, e jornal *O Estado de São Paulo*, na cidade do mesmo nome.

³ Entre 1937 e 1945, o Brasil está sob o “Estado Novo”, de Getúlio Vargas. Neste período, a censura é coordenada pelo Departamento de Imprensa e Propaganda, órgão de repressão e propaganda. Mas, com a entrada do Brasil na Segunda Grande Guerra há o abrandar da censura e do carácter autoritário do regime. Sobre o tema, ver, entre outros; PAULO, Heloisa – *Estado Novo e Propaganda. O SPN e o DIP*. Coimbra, Minerva, 1994; SKIDMORE, Thomas – *De Getúlio a Castelo*, (1930-1964). Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979 e FAUSTO, Bóris (org.) – *História Geral da Civilização Brasileira*. São Paulo, Difel, 1984, Vol. 1 a 4, Tomo III.

⁴ Sobre o tema ver, PAULO, Heloisa – “Aqui também é Portugal”. In: *A colónia portuguesa do Brasil e o salazarismo*. Coimbra, Ed. Quarteto, 2000.

⁵ Este jornal foi fundado, em Janeiro de 1956, por um grupo de jovens estudantes portugueses. Segundo Jorge Ribas Soares, um dos fundadores, em entrevista concedida em Setembro de 2004, o jornal deveria assumir uma postura de combate ao regime, mas, quando o faz, acaba por desaparecer por falta de patrocinadores.

Por fim, cumpre assinalar a existência de jornais pertencentes a determinados grupos de activistas, políticos ou não, como os anarquistas e os maçónicos, que prestam a sua solidariedade aos exilados portugueses. É o caso do jornal *Ação Direta*, fundado pelo anarquista brasileiro José Oiticica, para o qual escreve Inocêncio Câmara Pires, opositor vinculado aos “Budás”⁶, ou ainda, do periódico *O Malhete*, editado pela maçonaria, em São Paulo, que, devido ao conteúdo combativo das suas reportagens, é constantemente citado nos Relatórios de Imprensa da Embaixada de Portugal nos anos cinquenta⁷.

2. Jornalistas profissionais ou exilados na redacção: quem escreve, quem publica e o que é publicado.

Recebi no dia 27 as suas duas cartas, assim como o bilhete de apresentação do ‘Diário de Notícias’. Ai vai o primeiro artigo. Creio que não se podem queixar da demora. (Carta de José Domingues dos Santos a Moura Pinto, datada de Paris, 29 de Agosto de 1946. Arquivo Moura Pinto)

O nosso querido amigo, Dr. Moura Pinto, comunicou-me, em tempo, a forma como V. Exa. procura auxiliar-me, facilitando-me uma tentativa, de resto perigosa e difícil para mim: tentar o jornalismo, com a remessa de três crónicas mensais para “A Noite” dessa cidade.

(Carta de Jaime de Morais a Brito Guimarães, datada de Paris, 3 de Fevereiro de 1940. Arquivo Moura Pinto)

O primeiro documento na imprensa brasileira assinado por opositores à ditadura militar em Portugal é publicado em 13 de Maio de 1928⁸. No jornal *A Manhã*, do Rio de Janeiro, um grupo de republicanos, auto denominado “Liga dos Republicanos Portugueses”, veicula um comunicado onde, desmentindo as afirmações da Embaixada de Portugal sobre a situação no país, afirma o seu repúdio ao regime, denunciando o seu carácter repressor e ditatorial e, em especial, o desencadear de uma onda de exílios:

Sobre as deportações e prisões de milhares de republicanos desmentem suficientemente a nota da Embaixada, os despachos telegráficos que a própria censura deixa passar. Ainda há dois dias saíram de Lisboa dois navios com presos políticos mandados para os climas mais insalubres da África [...] Nesta leva seguiram autênticos intelectuais conhecidos universalmente como João Camoesas e outros. [...]⁹

Na década seguinte, alguns destes exilados do regime chegam ao território brasileiro, unindo as suas vozes aos republicanos ali radicados. É o caso de Lúcio Pinheiro dos

⁶ Sobre o percurso de Inocêncio Câmara Pires, ver: PAULO, Heloisa – “Os “Budás” e os seus companheiros de exílio”. In: *História*. Porto, Novembro de 2006, n.º 93.

⁷ Ver, entre outros, o extenso *Boletim do Serviço de Imprensa da Embaixada de Portugal*. Datado de 21 de Outubro de 1953, M.N.E., 2.º piso, Armário 59, Maço 347.

⁸ Sobre o tema, ver PAULO, Heloisa – “*Aqui também é Portugal*”. In: *A colónia portuguesa do Brasil e o salazarismo*. Coimbra, Ed. Quarteto, 2000.

⁹ “Liga dos Republicanos Portugueses”. In: *A Manhã*, 13 de Maio de 1928, p. 4.

Santos¹⁰ e João Sarmento Pimentel¹¹. Em fins de 1939, Alberto Moura Pinto, um dos membros do mais destacado grupo de opositores, os “Budás”, chega ao Rio de Janeiro. No ano seguinte, desembarcam na mesma cidade outros dois elementos dos “Budás”, Jaime de Moraes e Jaime Cortesão, vindos directamente da prisão em Lisboa para o exílio. A grande questão que se coloca então para o grupo é a da sobrevivência no país de acolhimento.

Moura Pinto tenta uma incursão pelo comércio, com uma loja de ferragens, na cidade de Resende, próxima ao Rio de Janeiro¹². Jaime Cortesão não encontra dificuldade em se colocar como bibliotecário do Real Gabinete Português de Leitura, apesar deste ser o centro da colónia conservadora no Brasil, e, logo depois, monta a sua própria editora, denominada *Dois Mundos*. Quanto a Jaime de Moraes, a sua situação é bem mais complexa, pois o convite inicial para a publicação de crónicas no jornal *A Noite* acaba por fracassar ante o encerramento do jornal pela ditadura de Getúlio Vargas¹³. No entanto, um outro jornal, o *Diário Carioca* chama-o para participar quinzenalmente com crónicas, inicialmente, voltadas para o relato da sua experiência colonial.

O *Diário Carioca* foi fundado em 1928, por José Eduardo de Macedo Soares¹⁴. Dirigido desde 1932 por Horácio de Carvalho Jr., é considerado um dos maiores órgãos de intervenção política na história recente do Brasil. Em 1937, alinha com o Estado Novo de Vargas, sem, contudo, deixar de lado o cunho de periódico “político” que o caracterizara anteriormente. A partir do início da década de quarenta, com o abrandamento da censura, afasta-se da linha do governo, chamando para a sua redacção os opositores políticos do regime e os exilados¹⁵.

O convite do *Diário Carioca* feito a Jaime de Moraes é acompanhado por um outro, o do periódico *Correio da Manhã*. Fundado em 1911, por Edmundo Bettencourt, este jornal possui uma longa tradição de defesa dos ideais democráticos, tendo sido o primeiro a denunciar o golpe que implantaria o Estado Novo no Brasil. No entanto,

¹⁰ Lúcio Pinheiro dos Santos foi Professor de Filosofia da Universidade do Porto e deputado, tendo chegado ao Brasil no início dos anos trinta, segunda atesta correspondência trocada com Sarmento Pimentel neste período. Arquivo Sarmento Pimentel. Biblioteca Sarmento Pimentel. Mirandela.

¹¹ João Sarmento Pimentel é um dos participantes do Movimento desencadeado em Fevereiro de 1926. Próximo ao grupo dos “Budás”, fixa residência no Brasil na segunda metade da década de trinta. É um dos mais destacados membros da oposição antisalazarista naquele país.

¹² Com muita pouca “vocaçãõ” para comerciante, o antigo Ministro da Justiça não consegue obter sucesso neste empreendimento, retornando ao Rio de Janeiro em 1941, onde tenta sobreviver como pequeno empresário.

¹³ Com o Estado Novo, o jornal é fechado e a empresa a que pertence é incorporada pelo governo varguista. Sobre o tema, ver, entre outros, FAUSTO, Bóris (org.) – *História Geral da Civilização Brasileira*. São Paulo, Difel, 1984, vol. 1 a 4, Tomo III.

¹⁴ A ligação de Jaime de Moraes com José Eduardo Macedo Soares talvez possa ser explicada pelo vínculo de parentesco deste ex-deputado com o director do Grémio Republicano do Rio de Janeiro, José Augusto Prestes. A filha única de Prestes é casada com o diplomata José Roberto Macedo Soares, irmão do antigo director do jornal, o que poderia facilitar o contacto. Em entrevista a esse respeito, a neta de Prestes, Dra. Roberta Prestes Macedo Soares não descartou a hipótese de que tal facto tenha vindo a contribuir para a aproximação entre o exilado e o jornal carioca. Entrevista feita em Julho de 2004.

¹⁵ Sobre o jornal, ver, entre outros, CADERNOS DA COMUNICAÇÃO. *Diário Carioca. O máximo de jornal no mínimo de espaço*. Prefeitura do Rio de Janeiro, série Memória, n.º 9.

durante a ditadura, o periódico consegue manter a regularidade da sua circulação, graças à capacidade dos seus articulistas de “escamotear” os artigos de cunho político, fazendo-os passar pela censura do regime¹⁶. Na sua redacção está Costa Rego¹⁷ um dos mais actuaes jornalistas e políticos daquele país. Como ocorre com o *Diário Carioca*, em 1941, este jornal também abre o espaço das suas colunas para aqueles que possuam uma postura mais radical em relação aos regimes ditatoriais¹⁸.

Em 18 de Novembro de 1941, Jaime de Moraes inicia a sua participação no jornalismo brasileiro com um texto dedicado a Timor, “Tufão em Timor”, publicado no *Correio da Manhã*¹⁹, seguido de um outro, versando ambições coloniais em África, veiculado no *Diário Carioca*²⁰. A temática colonial e as suas variantes são a tónica dos artigos seguintes. O trabalho exige muito do antigo governador da Índia, porque, para além da falta de experiência, tem de cumprir prazos semanais, sendo os rascunhos dos textos sempre numerosos²¹.

No entanto, à medida que os próprios jornais modificam a sua relação com a censura, estas crónicas abrem o caminho para um outro tipo de escrita. A crítica aos regimes ditatoriais impõe-se, através de comentários sobre o decorrer da guerra, ou ainda, do enfoque em assuntos relacionados com o seu passado de opositor, como a Guerra Civil em Espanha²². A abordagem dos problemas portugueses completa o novo quadro temático das suas crónicas. É o caso de artigos como o que trata da questão da venda do volfrâmio por Portugal²³, ou o elogio a Bernardino Machado, aquando do seu falecimento, onde descreve as condições do militante da oposição em terras portuguesas.

Foi aos 76 anos de idade que lhe foi imposta uma desumana pena de desterro fora do seu país, e aos 80, por ironia, foi demitido de professor jubilado da Universidade de Coimbra onde fora ídolo de diversas gerações de estudantes.²⁴

¹⁶ CADERNOS DA COMUNICAÇÃO. *Correio da Manhã – compromisso com a verdade*. Prefeitura do Rio de Janeiro, série Memória, n.º 1.

¹⁷ Para além de jornalista, Pedro da Costa Rego foi secretário da agricultura (1912), deputado federal (1915-17, 1918-20, 1921-23), governador (1924-28) e senador (1929-30 e 1935-37), sempre pelo seu estado natal, Alagoas. Esteve 50 anos neste jornal, tendo sido o criador da primeira cátedra brasileira de jornalismo. Sobre o tema, ver, o *Dicionário de Jornalismo*, elaborado pela Escola de Jornalismo da Universidade de São Paulo, disponível no site http://www.eca.usp.br/pjbr/arquivos/dic_c6.htm.

¹⁸ Ver o verbete acerca do jornal, escrito por Carlos Eduardo Leal em *DICIONÁRIO HISTÓRICO-BIOGRÁFICO BRASILEIRO*. CPDOC. Fundação Getúlio Vargas. <http://www.cpdoc.fgv.br/dhbb/verbetes>

¹⁹ MORAIS, J. – “Tufão em Timor”. In: *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 18/Novembro/1941, p. 2.

²⁰ MORAIS, J. – “África em Leilão”. In: *Diário Carioca*. Rio de Janeiro, 21/Novembro/1941, p. 3.

²¹ No Arquivo de Jaime de Moraes, em posse da Fundação Mário Soares, há do primeiro artigo quatro versões, duas denominadas “Tufão no mar de Timor”, cada uma com 3 folhas, e duas denominadas “Tufão no mar de Timor”, uma com 3 folhas e outra com 4, todas dactilografadas e com inúmeras correcções manuscritas.

²² Ver, em especial, o artigo onde Jaime de Moraes relata o dia da insurreição de Franco em Espanha. MORAIS, J. – “Uma data dolorosa”. In: *Diário Carioca*. Rio de Janeiro. 23/Julho/1944 .p.13.

²³ Ver, entre outros, MORAIS, J. – “A Título de Esclarecimento”. In: *Diário Carioca*. Rio de Janeiro, 21/Maio/1944, p. 3.

²⁴ MORAIS, Jaime MORAIS, J. – “Bernardino Machado”. In: *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 11/Maio/1944. p. 4.

Ao todo, Jaime de Morais escreve 152 artigos, entre 18 de Novembro de 1941 e 14 de Agosto de 1944. Em alguns deles, o ataque à política de Salazar, e também à de Franco, é uma constante²⁵. Em um destes textos, retrata a sua condição de exilado, republicano e opositor ao regime ao evocar o 5 de Outubro e os republicanos derrotados pelo 28 de Maio:

Foram vencidos, mas não se conformaram e reagiram sempre, na certeza moral de que o golpe não foi mortal e que o revidarão um dia. [...]

Pedem muito pouco de resto: que se saiba que desde 1926 o regime do seu país nada tem, nem com a República democrática, nem com o liberalismo monárquico do passado. Aceitam tudo menos essa confusão.

A ténpera desses homens não lhes permite desesperar jamais, antes lhes consente esperar confiadamente o fim do melancólico eclipse que por instantes escureceu o céu da sua terra.²⁶

Mas Jaime de Morais não actua sozinho. No *Diário Carioca* escrevem Lúcio Pinheiro dos Santos, Novais Teixeira e Sarmiento de Beires. O primeiro inicia as suas crónicas ainda em Outubro de 1941, tendo publicado cerca de 116 artigos até 1945. Como Jaime de Morais, as suas intervenções iniciais estão ligadas à sua experiência profissional, com títulos como “O Drama do Pensamento Europeu”²⁷; mas, a partir de 1942, a sua participação no jornal é cada vez mais combativa, abordando questões relacionadas com o conflito internacional, como em “A Conferência de Quebec”²⁸, e com a postura de neutralidade de Portugal, condenada no texto “Os Açores contra uma política”²⁹. No termo da guerra, quando Jaime de Morais já se encontra afastado dos meios jornalísticos³⁰, os textos de Lúcio Pinheiro dos Santos, agora publicando também no periódico *O Jornal*³¹, são cada vez mais comprometidos com a oposição exilada, conclamando o apoio da intelectualidade brasileira no combate ao salazarismo:

Um jornalista brasileiro, dos que mais fundo gravam o traço do carácter em tudo que escrevem, disse, há dias, num artigo, em que pedia o apoio dos intelectuais brasileiros para o anti-fascismo português: “do nosso apoio depende um pouco a próxima queda de Salazar”. Não, meu caro Moacir Werneck, não depende um pouco, depende muito. Porque o homem que foi condenado na nossa consciência – e sempre é certo que há uma consciência comum e uma honra comum – não poderá continuar a governar em Portugal.³²

²⁵ Na série de três artigos intitulada “Problemas da Europa Futura”, o grande tema é a incapacidade de uma Europa unida no após guerra incorporar regimes como o de Portugal e Espanha. Ver: “Problemas de Europa Futura: Portugal e Espanha”, *Diário Carioca*, 2 de Maio de 1943, p. 3; “Problemas de Europa Futura: Desencontro de Economias”, *Diário Carioca*, 9 de Maio de 1943, p. 3; “Problemas de Europa Futura: Para onde caminha a Península”, *Diário Carioca*, 23 de Maio de 1943, p. 3.

²⁶ MORAIS, J. – “Divagações ao redor de uma data”. In: *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 12/Outubro/1943, p. 2.

²⁷ *Diário Carioca*. Rio de Janeiro, 9/Novembro/1941, Segundo Caderno, p. 19.

²⁸ *Diário Carioca*. Rio de Janeiro, 22/Agosto/1943, Segundo Caderno, p. 3.

²⁹ *Diário Carioca*. Rio de Janeiro, 24/Outubro/1943, Segundo Caderno, p. 3.

³⁰ Em 1944, Jaime de Morais começa a trabalhar na Companhia de Vidros do Brasil, de Lúcio Thomé Feteira. Sobre o tema, ver, PAULO, Heloisa – “Os Budas e os seus aliados”. In: *História*. Lisboa, Novembro de 2006, n.º 93.

³¹ *O Jornal* pertence ao grupo denominado *Diários Associados*, de Assis Chateaubriand (ver adiante), o que vai contribuir para a pouca permanência de Lúcio Pinheiro dos Santos neste periódico.

³² *O Jornal*. Rio de Janeiro, 1/Setembro/1945, Segundo Caderno, p. 4. O texto faz uma referência ao jornalista e escritor, Moacir Werneck, que trabalhou em diversos jornais do Rio de Janeiro, como *Diretrizes*, *Imprensa Popular*, *Última Hora* e *Jornal do Brasil*.

Um maior radicalismo é notório nos artigos de Novais Teixeira, publicados no *Diário Carioca*, a partir de Setembro de 1942. Escrevendo num período de maior “brandura” da censura, Novais Teixeira publica uma série de artigos, nos quais, o ataque ao salazarismo e a Salazar é feito de forma directa e personalizada:

Sou um autoritário! – grita, confundindo numa ignorância de professor da douta universidade, a autoridade com o autoritarismo, que é a sua negação³³.

Já no *Correio da Manhã*, Thomás Ribeiro Colaço, opositor e monárquico, veicula as suas crónicas, escrevendo evocações a D. Nuno Álvares Pereira e recordações da terra natal³⁴. Apesar disso, algumas de suas crónicas, ainda que sem o discurso agressivo dos demais exilados, colocam-no na lista negra do salazarismo. É o caso da crónica “O dever de sangue”, onde convoca os portugueses no Brasil a apoiar os brasileiros e a entrada daquele país na Segunda Guerra, pondo em xeque a neutralidade de Portugal no conflito³⁵.

Em 1945, no Brasil, a oposição combate abertamente Getúlio Vargas. Os jornais estampam nas suas páginas as mais diversas manifestações de cunho democrático, entre elas, as dos opositores portugueses, que ganham espaço no noticiário de alguns jornais do Rio de Janeiro. Em Abril, o *Diário Carioca* noticia uma grande manifestação que reúne os antifascistas portugueses e os seus apoiantes brasileiros na sede da União Nacional dos Estudantes, no Rio de Janeiro³⁶. Em Novembro, no jornal *Tribuna Popular*, uma reportagem, bem maior que a anterior, fala de outra reunião no mesmo local. No título do artigo, que cita os nomes de Moura Pinto, Aniceto Monteiro e Lúcio Pinheiro dos Santos, uma frase proferida pelo aviador Sarmento de Beires, também presente na reunião, é destacada:

Já que em Portugal se morre de fome é preciso que o povo português compreenda que vale mais morrer lutando³⁷.

No mesmo ano, em Outubro, a oposição consegue um outro bom espaço na imprensa, quando o periódico *Diretrizes*³⁸ apresenta um retrato negativo do novo embaixador de Portugal, Pedro Teotónio Pereira. Na edição do dia 31, onde é publicada uma

³³ TEIXEIRA, Novais – “O enigma do Homem sem lábios”. In: *Diário Carioca*. Rio de Janeiro, 15/Maio/1944, Segundo Caderno, p. 6.

³⁴ COLAÇO, T. R. – “Oração a Nuno Álvares”. In: *Correio da Manhã*, Caderno Dominical, Rio de Janeiro, 4/Janeiro/1942, p. 2; e, COLAÇO, T. R. – “O funileiro de Tondela”. In: *Correio da Manhã*, Caderno Dominical, Rio de Janeiro, 31/Dezembro/1944, p. 10.

³⁵ *Boletim do Serviço de Imprensa da Embaixada de Portugal*. Datado de 1 de Fevereiro de 1942, M.N.E., 2.º piso, Armário 50, Maço 68.

³⁶ *Diário Carioca*, 22 de Abril de 1945, p. 1.

³⁷ *Tribuna Popular*, 20 de Novembro de 1945, p. 4. Para além dos citados, participam do evento Ricardo Seabra, Jaime Cortesão, Francisco Dorés Gonçalves, Novais Teixeira, Roberto das Neves e políticos brasileiros vinculados ao movimento socialista daquele país, entre eles, o jornalista Hermes de Lima.

³⁸ O jornal *Diretrizes* é fundado no final dos anos trinta, tendo entre os seus colaboradores, nos anos quarenta, o poeta Vinícius de Moraes.

fotografia na qual o diplomata aparece fardado ao lado de Salazar, o novo representante de Lisboa é apresentado como “o Rodolf Hess Português”:

Como bom diplomata fascista, o agente salazarista fez entrega à polícia política de Franco de centenas de refugiados espanhóis, que procuraram asilo em Portugal sob o pretexto de serem comunistas ou democratas perigosos à paz interna, para serem fuzilados além fronteira.³⁹

Nos anos seguintes, o panorama da oposição no Brasil e do próprio jornalismo é bastante diferente do existente no período anterior⁴⁰. Novos jornais aparecem e oferecem o seu espaço para a oposição portuguesa comunicar ou expressar o seu combate ao salazarismo, quer através da publicitação dos eventos coordenados pelos exilados, quer pela publicação de textos de combate ao salazarismo, escritos ou não por portugueses. Um deles é o *Diário de Notícias*, do Rio de Janeiro, que publica as crónicas de José Domingos dos Santos, em 1946⁴¹. Fundado em 12 de Junho de 1930, pelo jornalista Orlando Ribeiro Dantas, este periódico tem, entre os seus colaboradores, alguns dos mais activos simpatizantes da oposição portuguesa; é o caso do deputado Hermes de Lima, vinculado ao Partido Socialista e ao grupo dos “Budás”, e do Embaixador Álvaro Lins, o grande defensor dos exilados políticos, director do seu Suplemento Literário, entre 1961 e 1964.

Um outro jornal de igual tendência é o *Última Hora*, fundado em 1951 por um jornalista que fora vítima da censura durante o Estado Novo, Samuel Wainer, mas que nos anos cinquenta se aproxima do antigo ditador, Getúlio Vargas, pugnando para a sua eleição à presidência. O jornal fica famoso pelo seu estilo combativo e pelo discurso populista⁴².

Houve ainda o periódico *Tribuna da Imprensa*, do jornalista Carlos Lacerda, criado em 1949, um dos mais ferozes combatentes contra Getúlio Vargas, quer como ditador, ou como presidente. O seu jornal e notabiliza-se pela defesa do pensamento liberal e ataques veementes ao comunismo⁴³. Na correspondência de Moura Pinto, podemos encontrar cartas nas quais o nome de Carlos Lacerda é referido, incluindo a cópia de uma carta de apresentação endereçada a José Domingos dos Santos, em Paris⁴⁴.

Por fim, um jornal da cidade de São Paulo, *O Estado de São Paulo*, fundado em 1875. Conhecido pela defesa dos ideais democráticos, o periódico esteve sob intervenção do governo entre 1940 e 1945. Após este período, a sua direcção é devolvida ao seu antigo dono, Júlio de Mesquita Filho. Nos anos cinquenta, acolhe diversos membros da oposição portuguesa na sua redacção, como Miguel Urbano Rodrigues e Henrique Gal-

³⁹ “Quem é o novo embaixador de Salazar, considerado o Rodolf Hess português”. In: *Diretrizes*. Rio de Janeiro, 31 de Outubro de 1945, p. 2.

⁴⁰ Sobre o tema, ver, entre outros, ABREU, Alzira Alves de (org.) – *A imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1996.

⁴¹ Não nos foi possível o acesso ao jornal para a compilação das crónicas de José Domingos dos Santos, pois, numa primeira incursão à Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, o periódico estava sendo microfilmado, e, numa segunda tentativa, a instituição estava em greve.

⁴² Sobre o *Última Hora*, ver, entre outros, o verbete de escrito por Carlos Eduardo Leal em *DICIONÁRIO HISTÓRICO-BIOGRÁFICOBRASILEIRO*. CPDOC.FGV. <http://www.cpdoc.fgv.br/comum/html>.

⁴³ Sobre o tema ver, entre outros, AZEVEDO, Luís Vítor Tavares – *Carlos Lacerda e o discurso de oposição na Tribuna da Imprensa (1953-1955)*. Dissertação de Mestrado defendida na Universidade Federal Fluminense. Exemplar policopiado. Niterói, 1988.

⁴⁴ Documento manuscrito, datado de 5 de Junho de 1946. Arquivo Moura Pinto em posse da família.

vão, a quem é instituído um salário e um cargo fictício para garantia da sua subsistência⁴⁵.

No final da década de cinquenta, na mesma proporção em que fracassam as tentativas de revolta da oposição em Portugal, cresce o número de exilados no Brasil. Militares e intelectuais, como Adolfo Casais Monteiro, chegam àquele país, sendo muitos deles acolhidos nas redacções dos jornais brasileiros do Rio de Janeiro e de São Paulo⁴⁶. Já então, alguns dos antigos exilados possuem um lugar de destaque nos meios jornalísticos brasileiros. Um deles é Francisco Cachapuz, que escreve sob o pseudónimo de Paulo de Castro. Ele trabalha sucessivamente nos jornais *Estado de São Paulo* e *Correio da Manhã*, ainda nos anos quarenta, é secretário do jornal *Tribuna da Imprensa*, entre 1950 e 1952, e, a partir de 1955, passa a ser comentarista de política internacional do *Diário de Notícias*.

Nestes anos, como nos anteriores, alguns acontecimentos em Portugal suscitam a reacção da imprensa local. Por exemplo, em 1959, quando Aquilino Ribeiro é preso, o jornal *O Estado de São Paulo*, através do escritor Adolfo Casais Monteiro denuncia a actuação do governo de Salazar contra a obra *Quando os lobos uivam*, transformando o caso numa bandeira de luta contra o regime⁴⁷:

Resta saber se o sr. Salazar continua a conceder (a Aquilino Ribeiro) a categoria de "grande escritor" e se irá ser sua testemunha de defesa, quando ele comparecer à barra dum tribunal...Deve ser triste, para o ditador, que o romancista, na sua ingratidão, não fique apenas na história da literatura como o genial autor do "Malhadinhas". E, estranha contradição: esta nova faceta da sua obra é, afinal, uma verdadeira "obra do Estado Novo"...

Em contrapartida, o Serviço de Imprensa da Embaixada de Portugal no Rio de Janeiro produz diariamente boletins, alertando o governo de Lisboa para os jornalistas dispostos a "investir, com a fúria de costume, contra o regime e contra S. Excia. o Presidente do Conselho, Senhor Dr. Oliveira Salazar"⁴⁹. Mas, tal facto não impede os jornalistas brasileiros de continuarem a denunciar os abusos da ditadura e as tentativas das autoridades portuguesas de impedir a continuidade das denúncias.

A odiosa forma ditatorial de denegrir os adversários e tentar semear entre eles a desconfiança e a insanía, descambou para o cómico ao dizer o chefe de Polícia que os da

⁴⁵ Ver, entre outros, o verbete escrito por Carlos Eduardo Leal e Vicente Saul em *DICIONÁRIO HISTÓRICO BIOGRÁFICO BRASILEIRO*. CPDOC.FGV. <http://www.cpdoc.fgv.br/comum/html/>.

⁴⁶ Sobre o tema, ver, entre outros, LEMOS, Fernando; LEITE, Rui Moreira (org.) – *A Missão Portuguesa. Rotas Entrecruzadas*. São Paulo, UNESP/EDUSC, 2003.

⁴⁷ Sobre o tema ver, PAULO, Heloisa – "Quando 'outros' lobos uivam": a imprensa oposicionista portuguesa do Brasil e o processo de Aquilino Ribeiro". In: *Convergência Lusitana*. Rio de Janeiro, Brasil, Real Gabinete Português de Leitura, 2000.

⁴⁸ MONTEIRO, Adolfo Casais – "Quando os lobos uivam". In: *O Estado de São Paulo*. 19 de Abril de 1959. Recorte de jornal anexo ao Ofício do Consulado de São Paulo, datado de 23 de Abril de 1959. M. N. E., Armário de Ferro. Prateleira 1, n.º 3.

⁴⁹ *Boletim do Serviço de Imprensa da Embaixada de Portugal*. Datado de 16 de Junho de 1959, p. 199. M.N.E., 2.º piso, Armário 59, Maço 288.

Resistência não deviam acreditar nesses jornalistas brasileiros, que vinham combatendo o salazarismo, pois quase todos eles já emudeceram a golpes de caixas de vinhos portugueses. [...] Quanto a mim, as minhas caixas se extraviaram. [...] Mas se a polícia portuguesa deseja que eu seja mais assíduo no comentário das coisas portuguesas, seja mais assídua nas perseguições a homens, livros e jornais. E sobretudo mandem vinhos. Prometo escrever contra o salazarismo, um artigo por garrafa. E não se esqueçam: tinto maduro⁵⁰.

Neste quadro, uma das críticas mais duras feitas ao salazarismo é de autoria de Paulo Silveira, editor do jornal *Última Hora*, colega de redacção de Paulo de Castro. Denunciando a prática de tortura em Portugal e a tentativa das autoridades de fazer com que os jornalistas brasileiros revelassem os seus contactos em terras portuguesas, Paulo Silveira escreve um libelo contra a PIDE e uma declaração de solidariedade para com os colegas lusitanos.

E segue o papel sujo nesta linguagem de alcouce e nos lança (fossemos ingénuos!) um desafio: que apontemos os nomes dos nossos informantes em Lisboa...Seria como entregá-los à PIDE, para as clássicas torturas no Aljube ou no Limoeiro [...]
Não, positivamente não declaramos aqui, os nomes dos nossos correspondentes portugueses, jornalistas corajosos que jogam, em lances dramáticos, todos os dias, as próprias vidas, a fim de enviar para o Brasil notícias que tanto incomodam Salazar e seus escribas⁵¹.

Para além dos jornais, a oposição consegue espaço nas revistas de grande circulação, como *O Cruzeiro* e *Manchete*⁵². A revista *O Cruzeiro* publica uma carta com um pedido de ajuda de Iva Delgado endereçada ao presidente Juscelino Kubitschek⁵³, e a revista *Manchete* veicula uma reportagem fotográfica intitulada “Cinco Intelectuais formam a trincheira da resistência”, sobre a vida dos exilados Paulo de Castro, Thomás Ribeiro Colaço, Fernando Queiroga, Adolfo Casais Monteiro e Garland de Sousa⁵⁴.

Todos estes periódicos contrapõem-se à forte propaganda favorável ao governo de Salazar levada a cabo pela colónia portuguesa conservadora e por determinados sectores da imprensa, como o grupo do *Diários Associados*, de Assis Chateaubriand, ou ainda, pelo jornal *O Globo*, de Roberto Marinho⁵⁵.

⁵⁰ BORBA, Osório – “Tinto Maduro”. In: *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 26 de Julho de 1953, p. 6. Osório Borba é deputado do Partido Socialista Brasileiro, tendo sido candidato às eleições como governador do Estado de Pernambuco.

⁵¹ SILVEIRA, Paulo – “Salazar troca sorrisos com a princesa e manda torturar os democratas”. In: *Última Hora*. Rio de Janeiro, 16 de Junho de 1959, p. 4.

⁵² Sobre o tema, ver, entre outros, ANDRADE, Ana Maria Ribeiro de, e CARDOSO, José Leandro Rocha – “Aconteceu, virou manchete”. In: *Revista Brasileira de História*. São Paulo, 2001. Vol.2, n.º 41.

⁵³ Ver: *O Cruzeiro*, 21 de Fevereiro de 1959, e DELGADO, Iva e PACHECO, Carlos (comp.) – *Humberto Delgado. A Tirania Portuguesa*. Lisboa, Publicações D. Quixote, 1995.

⁵⁴ Recorte da revista em posse da família de Francisco Cachapuz. Sem data.

⁵⁵ Sobre o tema, ver, entre outros, PAULO, Heloisa – “Aqui também é Portugal”. In: *A colónia portuguesa do Brasil e o Salazarismo. Op. Cit.*

1. A especificidade dos jornais da oposição e a sua convivência com as autoridades brasileiras

Semana Portuguesa

Fomos informados de que o Partido Comunista se utiliza do referido jornal como órgão de divulgação.

O semanário é dirigido por Joaquim Duarte Batista, elemento que de há muito concorre com certa quantia para o Partido.[...]

Formulário do Chefe da polícia de São Paulo, Romeu Tuma enviado ao Departamento de Ordem Política e Social do mesmo estado. Há uma nota manuscrita no documento, informando o seguinte: "Dr. Tuma: os assuntos tratados neste semanário referem-se a Portugal.

(Documento do Departamento de Ordem Política e Social de São Paulo. Datado de 30 de Agosto de 1971. Arquivo do DOPS de São Paulo. 50.Z.81.15990

No Brasil, o primeiro jornal da oposição ao regime do 28 de Maio data de 1933. O *Portugal Republicano* tem como lema "ser pela República é ser pela Pátria", assumindo o republicanismo como bandeira. O seu primeiro número é publicado simbolicamente em 5 de Outubro de 1932 circulando normalmente até 11 de Fevereiro de 1933, quando a censura o retira de circulação. Reaparece em 1934, com um único número. Tal como outros jornais da oposição, a sua sobrevivência é garantida pela publicidade e pelas cotas de manutenção obtidas por "correligionários".

Escrevem no *Portugal Republicano* nomes ligados ao Grémio Republicano Português, de São Paulo, e ao Centro Republicano Dr. Afonso Costa, do Rio de Janeiro, e republicanos ilustres como Bernardino Machado, Raúl Proença, Ramada Curto; este jornal é responsável pela veiculação da entrevista de Afonso Costa ao jornalista brasileiro José Jobim⁵⁶.

Na tentativa de contrariar a imagem oficial da colónia, como a dos comendadores e emigrantes bem sucedidos, o *Portugal Republicano* apresenta uma coluna intitulada "A fala da outra colónia", onde "far-se-á agora o que não é costume fazer-se: entrevistas aos portugueses anónimos que andam por aí na luta pela vida, de quem ninguém se lembra senão para cotizações e apelos patrióticos"⁵⁷. Das reportagens resultam autênticos manifestos republicanos e anti-clericais, havendo constantes menções a perseguições por parte da Igreja contra os elementos republicanos, denunciando-se a organização de uma "lista vermelha" por parte dos emigrantes ricos para intimidar os "mais pobres" e os que se opõem ao governo de Lisboa:

Quando não lhes agrada a conduta de um indivíduo, se por desgraça a esposa desse indivíduo cai sob a influência maligna do padre, este atemoriza-a. "Olha que o seu marido assim vai mal. Tenha cuidado, porque já está na Lista Vermelha". Com as crianças, a mesma coisa: "O teu pai está na Lista Vermelha"⁵⁸.

⁵⁶ *Portugal Republicano*, 2 de Setembro de 1934, p. 1 e seguintes.

⁵⁷ *Portugal Republicano*, 22 de Outubro de 1932, p. 1.

⁵⁸ Depoimento dado por Joaquim José Rodrigues, operário, que, no entanto, diz não ter provas da existência da mencionada lista. *Portugal Republicano*, 12 de Novembro de 1932, p. 4.

As notícias das prisões, das deportações e as entrevistas cortadas pela censura, são acompanhadas de artigos que compilam testemunhos vindos de Portugal:

Acredita que nunca supus, em toda a minha longa existência de 60 anos, chegar a ver tanta fome e miséria [...] Há casas de família onde o pão não entra durante dias. Não que haja falta dele, mas atingiu tal preço que não se lhe pode chegar, especialmente o trabalhador rural que ganha apenas 1\$50 a 2\$00 por dia, e nem sempre, pois o proprietário não pode fazer granjeios por falta de dinheiro⁵⁹.

Proibido pela censura brasileira, o *Portugal Republicano* é o único órgão oficial da oposição portuguesa até o final da Segunda Guerra. Em 1947, a união de exilados políticos portugueses e espanhóis dá origem a um outro periódico, *Libertação*. Este jornal possui poucos números, circulando entre Abril e Junho de 1947. A sua nota de abertura é assinada por Jaime Cortesão, que até então não escrevera nenhuma matéria de cunho político para qualquer periódico no Brasil. Nela, o historiador apresenta uma saudação aos republicanos espanhóis, evocando os ideais republicanos comuns:

Todas as Nações livres devem aos povos ibéricos, por fraternidade humana e defesa da liberdade, apoio ao combate que estão travando contra a tirania que as oprime. Mas ao povo espanhol, em particular, todos devemos os maiores esforços para ajudá-lo nessa luta⁶⁰.

O final dos anos cinquenta assinala o maior aparecimento de jornais vinculados ao movimento de oposição radicado no Brasil. Um dos pioneiros é o *Portugal Democrático*, cujo primeiro número data de 7 de Julho de 1956. Criado por elementos vinculados ao Partido Comunista, o professor Vítor de Almeida Ramos e Manuel Ferreira Moura, o periódico é o porta-voz dos exilados comunistas no Brasil, apesar de congregar elementos oriundos de toda a oposição, tendo em Sarmento Pimentel e o Centro Republicano Português de São Paulo, dois dos seus principais pontos de referência. Numa primeira etapa, o jornal circula de 1956 a 1957, com uma modesta tiragem, mas, a partir de Junho de 1958, assume o carácter de um jornal de médio porte, contando agora com nomes como Miguel Urbano Rodrigues, recém-chegado ao país⁶¹.

Em Novembro de 1959, em São Paulo, surge o jornal *Portugal Livre*, que, de acordo com exigências da legislação do país, é dirigido formalmente pelo brasileiro Cláudio Abramo, um dos redactores-chefes do periódico *O Estado de São Paulo*. Nas suas páginas, uma observação sempre repetida, alerta para a ideia de uma oposição unida no combate comum contra a ditadura salazarista.

PORTUGAL LIVRE faz questão em reafirmar a sua posição de tribuna aberta a todos os portugueses democratas e a sua não filiação a qualquer movimento, órgão ou corrente política determinada, por muita consideração que, no campo pessoal, os respectivos mentores lhe mereçam⁶².

⁵⁹ Extracto de uma carta de Mesão-Frio reproduzida na coluna "Notas a esmo", de A. Valente, *Portugal Republicano*, 10 de Dezembro de 1932, p. 3.

⁶⁰ CORTESÃO, J. – "Saudação ao Povo Espanhol". In: *Libertação*. Rio de Janeiro, 14 de Abril de 1947, Ano I, n.º1, p. 1.

⁶¹ Sobre este jornal ver SILVA, Douglas Mansur – *A Oposição ao Estado Novo no exílio brasileiro. 1956-1974*. Lisboa, ICS, 2006. Apesar do título geral, o trabalho trata exclusivamente do periódico.

⁶² Nota publicada na primeira página do periódico *Portugal Livre*, Ano I, n.º 4, Fevereiro de 1960.

No entanto, a própria fundação do jornal espelha as contradições internas no grupo de exilados. O seu real director é o velho colaborador do *Portugal Democrático*, Miguel Urbano Rodrigues, que rompera com os seus antigos companheiros. Para além da presença de textos extraídos de outros periódicos, como *O Estado de São Paulo*, colaboram no jornal membros da oposição, como Thomás Ribeiro Colaço e Vítor da Cunha Rego. O periódico conta ainda com a participação activa de Henrique Galvão e Humberto Delgado, mas este último acaba por romper com a redacção do periódico após os primeiros números. O jornal tem um período de vida bastante curto, desaparecendo em pouco tempo⁶³.

Em Julho de 1961, no Rio de Janeiro, aparece o periódico *Oposição Portuguesa*, dirigido pelo jornalista brasileiro Seraphim Porto⁶⁴, mas concebido pelo antigo combatente de Espanha e elemento próximo aos “Budás”, Francisco Oliveira Pio. Este jornal, um porta-voz assumido dos seguidores de Humberto Delgado no Brasil e do Movimento Nacional Independente, tem dois períodos de existência; um primeiro, de 1961 a 1963; e outro, bem efémero, em 1965. Nos seus números, a grande figura de destaque é o General Humberto Delgado, como alegado representante da oposição, e, depois da sua morte, como “herói”. O periódico também regista as comemorações do 5 de Outubro, assim como biografias de antigos republicanos vinculados à sua redacção, como o próprio Oliveira Pio e Carneiro Franco⁶⁵. Entre os seus colaboradores, na sua primeira fase, temos o anarquista Roberto das Neves, que, posteriormente, ao romper com o General Delgado, é afastado da publicação⁶⁶.

Ainda neste período, temos um outro periódico, de curta duração, com os mesmos traços do anterior. O jornal *Colónia Portuguesa* é publicado em São Paulo, a partir de 1959. O seu administrador é um antigo militante do Centro Republicano Português, Joaquim Duarte Batista, um comerciante oriundo da região de Coimbra, com formação anarquista. Como chefe de redacção, Gonçalves Paratudo, outro oposicionista notório. O lema do jornal é “O culto da Fraternidade Luso Brasileira”, pretendendo ser um jornal voltado para a vida da colónia, apesar do seu carácter de oposição. Um outro periódico, mantido pelo mesmo administrador, é o *Semana Portuguesa*, surgido nos anos setenta, sendo este fortemente vigiado pelas autoridades brasileiras⁶⁷.

⁶³ Não foi possível localizar uma colecção completa do jornal, sendo que o próprio Miguel Urbano Rodrigues afirma ter perdido os seus exemplares, ver, RODRIGUES, Miguel Urbano – “Portugal Livre”. In: *O tempo e o espaço em que vivi. Procurando um caminho*. Porto, Campo das Letras, 2002.

⁶⁴ Seraphim Porto é professor de língua portuguesa, possuindo uma formação anarquista. Sobre o tema, ver, entre outros, ver o trabalho de mestrado de Maria Alice Paes Barreto Gomes, apresentada ao CPDOC, Fundação Getúlio Vargas, com o título Com a Palavra, Sua Excelência, O vereador. R. J. 2006, <http://www.cpdoc.fgv.br/cursos/bensculturais/teses/CPDOC2006MariaAlicePaesBarretoGomes.pdf>.

⁶⁵ Ver, respectivamente, PORTO, Seraphim – “Francisco Oliveira Pio”. In: *Oposição Portuguesa*. Agosto de 1961, p. 4, e “Ernesto Carneiro Franco, uma vida pela grandeza de um povo”. In: *Oposição Portuguesa*, Outubro de 1961, p. 4.

⁶⁶ Sobre Roberto das Neves, ver: MARQUES, Manuel Pedroso – “Roberto das Neves, cidadão do Mundo”. In: *Grémio Lusitano*. Lisboa, Grémio Lusitano, Março de 2007, n.º 11.

⁶⁷ O jornal é fortemente censurado no período da ditadura militar brasileira, sendo o seu proprietário posto sob suspeita pelo DOPS. Ver documentação disponível sobre o jornal no Arquivo do Departamento Estadual de Ordem Política e Social. São Paulo.

Um jornal que merece menção é o *Duas Bandeiras* publicado no Rio de Janeiro, a partir de 1967. O seu mentor, o militar Fernando Queiroga, possui uma coluna permanente no periódico, onde escreve também um outro opositor, o anarquista Roberto das Neves. Os seus ataques constantes ao governo de Salazar colocam o jornal sob a mira das autoridades brasileiras e portuguesas. Queiroga chega a publicar nas suas páginas, com versões em português, francês e inglês, um manifesto intitulado *Às forças Armadas*, onde apela aos combatentes em África:

Penitenciái-vos. Abandonai o salazarismo estrangeiro. Salazarismo é subnazismo e nazismo não é cristão nem é nosso. Regressai ao lar. Regressai a vós mesmos. Apeai do poder esse anão moral de Santa Comba, que já fraqueja trémulo de pavor, escorado apenas em vossas espadas. Restaurai em Portugal a verdadeira democracia [...] ⁶⁸

A vida destes jornais e dos exilados políticos no Brasil sofre uma mudança com a implantação da ditadura militar no país, a partir de 1964. A promulgação de fortes leis de censura e o início da perseguição política no final da década de sessenta vai contribuir para a efémera existência de muitos dos periódicos e para a vigilância policial dos mesmos e dos seus colaboradores ⁶⁹. O único sobrevivente, o *Portugal Democrático*, desaparece após a oposição ter cumprido “o seu ideal”, o 25 de Abril de 1974.

⁶⁸ Recorte da publicação no jornal *Duas Bandeiras*, Ficha de Fernando Queiroga no Arquivo PIDE/DGS. 921/SR. UI. 2336. p. 12. ANTT.

⁶⁹ Sobre o tema, ver, entre outros, FICO, C. – *Além do golpe: versões e controvérsias sobre 1964 e a Ditadura Militar*. Rio de Janeiro, Record, 2004.